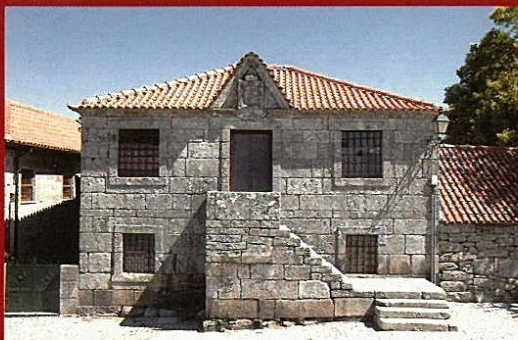




Memorial da Lapa

MUSEU MONOGRÁFICO DO EX-VOTO



Museografia e textos:

Alberto Correia

Arquitectura interior:

Severino Paiva

Fotografia:

José Alfredo

Propriedade:

Santuário da Lapa

Lapa 3640-170 Sernancelhe

Tel.: 232 688 993

E-mail: secretaria@santuariodalapa.pt

www.santuariodalapa.pt



Memorial da Lapa

MUSEU MONOGRÁFICO DO EX-VOTO

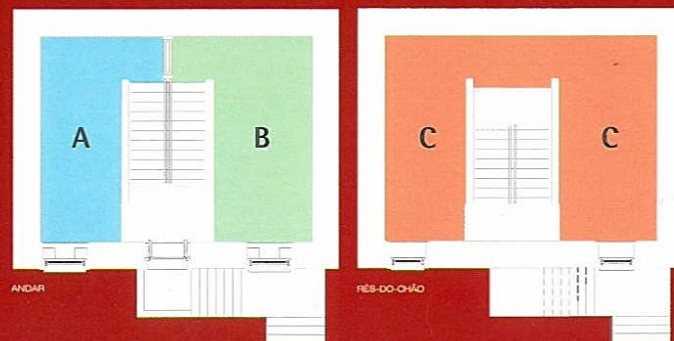


A LAPA. DA SERRA – MADRE A UMA “CIDADE”.

No princípio era apenas a serra – madre de medonho pedregulhal onde o granito era rei, de uma floresta nativa povoada por fauna diversa de múltiplas espécies selvagens, chão de caminhos que se foram lavrando por uma colonização que remonta ao tempo neolítico, ainda que a antiga povoação de Quintela rememore, com justeza, a sua filiação num tempo romano. Por ali andaram pastores, cavadores de minério e lavradores de cereal de pão lá onde as encostas convidavam. E quis a sorte que tivesse sido a história de uma apagada pastora, nem heróica, nem santa, que fez cavar o alicerce do que pode chamar-se uma “cidade”. Manifestação do céu ali houve. E correu gente com o apregoar dos “milagres”. Os Padres Jesuítas vieram a partir de 1576. Há um tempo de ouro. Constrói-se um templo que alberga a atractiva gruta e os romeiros em tempo festivo. Fixam-se mercadores. Talham-se hortas, cavam-se fontes. Ergue-se Residência para pouso definitivo dos Padres logo tornado Colégio povoado por rapazes da serra. A Lapa ganha estatuto de Vila. Perde-se depois o fulgor quando os Padres da Companhia de Jesus a abandonam em 1759, obedientes ao decreto régio que os exila. A Diocese de Lamego assumirá o renovo do culto em 1793. Tarefa demorada que se estende por todo o século XX, apoiada na persistência dos devotos que sempre seguiram este caminho, jeito de rota de Santiago onde os pés gastaram as calçadas. Hoje a vida da Lapa permanece como inexplicável “fenómeno”, carreando gente que continua pedindo “milagres” como aqueles cujo relato o Museu guarda, cantando louvores no Terreiro ou na demora dos caminhos, ou simplesmente curiosos da história.

O EDIFÍCIO: ANTIGA CASA DA CÂMARA E CADEIA

A importância que a Lapa adquire após a instalação definitiva da Companhia de Jesus que após a sua instalação definitiva na Lapa promove o alargamento e aprofundamento do culto mariano impulsionando também obras de fomento local conduz a que os padres jesuítas requeiram junto do rei a criação da Lapa como “vila”, estatuto que lhe foi conferido por alvará de D. José datado de 26 de Março de 1740. No ano seguinte realizava-se a demarcação do território com marcos que assinalariam os limites de um município composto apenas pelas povoações de Lapa e de Quintela até aí inseridas no antigo concelho de Caria. E é nesta sequência que vai construir-se a Casa da Câmara e Cadeia e o consequente Pelourinho, funcionando as sessões da Câmara no primeiro piso do edifício a que se acede por escadaria exterior cujo pórtico se encontra sobrepujado pelo brasão dos Condes da Lapa. O concelho foi posteriormente integrado no concelho de Sernancelhe (1855). E é neste reduzido mas evocativo espaço que se torna duplamente memorial, da sua própria história e da fundamentação em que assenta a história da Lapa, aparentemente nascida de um milagre, que se resguarda essa comovente teoria dos ex-votos, singelos quadrinhos de anónimo pintor ou pratas lavradas com origem na corte de um rei.



- A – A poética do tempo. História e imaginário.
- B – Teorias de fé e práticas votivas.
- C – Galeria de “milagres”. Os ex-votos pintados.

A poética do tempo. História e imaginário.

O primeiro "milagre", na Lapa, foi o da pastora muda que falou para salvar a imagem que o céu, em sua fé, lhe revelara numa gruta, lá onde por mil anos se perdera escondida, diz a lenda, pelas monjas devotas de um mosteiro onde passara o mouro invasor como a gente vê nas tintas quase ingênuas dos quadros. Correu essa voz de boca em boca pela serra. O lugar tornou-se santo. Fez-se uma capela com a esmola dos romeiros. Inventou-se a história de uma mulher e de um sardão quando ali na serra não se sabia ainda de toda a dimensão do mundo. A fé, muito em breve, arrastava multidões. Muitos dos que vinham eram "mendigos de milagres". Outros cantavam cantos de louvor nos caminhos velhos cumprindo promessas de avós com procissões de votos. Até que de tudo também souberam reis que fizeram entrega, na Lapa, como ex-voto talvez só gratulatório, de prata que com esmero foi lavrada e lá ganhou estatuto de tesouro.



Galeria de "milagres". Os ex-votos pintados.

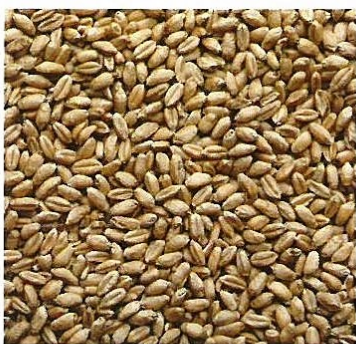
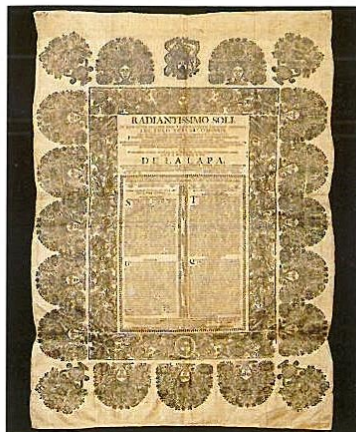
Houve um tempo em que os homens mandavam pintar em tabuinhas os "milagres" que eles requeriam com extremada fé, da divindade, quando os seus remédios já não venciam suas dores, quando a morte parecia acenar de muito perto, quando eles sentiam que ainda valia por cá a caminhada porque um filho era ainda uma criança para que pudesse ficar só, quando uma mulher não suportava perder o homem que era seu suporte e ganha-pão, quando um homem não podia dispensar a ternura dos gestos da esposa. Recorriam ao céu, também, quando desabavam trovoadas, quando um animal que era quase como um filho ou um irmão adoecia, quando as pragas atacavam searas e vinhedos, quando era preciso curar uma ferida de facada. E prometiam mandar pintar a pintor devoto que andasse pelas romarias a história da promessa que mandavam pregar, depois, nas paredes da capela. E a imagem celeste de uma Virgem pintada com manto de uma cor azul e o seu poder e o seu gesto maternal era assim, face à assembleia, testemunho.



M. que fez N.S. da Lapa, a Ant.ª Gomes Pinto d. S. Martinh Peva. que es tendo sua Mo. em prigo d. vida, N. S. lhe a cudeu, no Anno d. 1873



M. que fez N. S. da Lapa, a Ant.ª Gomes Pinto d. S. Martinh Peva, q. estando em cima de uma Anjoia, que estava em risco de se perder, N. S. lhe a cudeu, no Anno d. 1873



A "Cidade dos Homens" em espelho

Ao redor da Lapa, até muito longe, a gente clamava que a terra era vale de lágrimas. Às vezes não suportava as dores. E os homens erguiam as mãos ao céu suplicando ajuda. – *A peste, fome et bello!* – *Libera-nos, Domine... Ab inimicis nostris!* – *Libera-nos, domine...* Peste, quer dizer, doença, fome, guerra, ataque de inimigos, eis os medos ancestrais dos homens. Em troca do bem requerido prometia-se a entrega de um valor equivalente à graça merecida. Às vezes era uma vela que trazia a altura ou o peso certo de quem a oferecia. Às vezes era um corpo de menino moldado em cera, era uma cabeça, um pé, um coração, qualquer outra figuração de um corpo que tivesse sido curado. Uma casa também, talvez uma morada salva do fogo ou de uma penhora, quem sabe. Às vezes era um animal, porque eles valiam, na vida de lavoura, como um filho. Trigo, foi aquilo que, de início, mais vezes se ofereceu. Só mais tarde o dinheiro substituiu o pagamento em natureza. Era o peso de um homem posto na balança.

De mais longe – Salamanca – vinham "teses" de doutores que, incertos dos saberes aprendidos na escola, lembravam a Virgem da Lapa titulando-a de louvores e, vencida a prova, depunham no altar do santuário a seda de um lenço que trazia, em letra de forma, a razão para o pedido do "milagre".



Teorias de fé e práticas votivas

A relação com o divino, aquilo que chamamos religião, é sempre acto de comunhão individualmente sentido pela criatura junto do seu criador, mas é também acto comunitariamente participado através da súplica dos gestos simbólicos e do complexo cerimonial que implica ministros e participantes que no espaço sagrado de uma Cidade dos Homens activam uma fé que sempre se justificará nas obras.

A missa, as impressionantes procissões, o acto devocional das novenas, o simbólico registo da traça e da cor das vestes litúrgicas, o fumo dos turibulos com perfumes de incenso, as imagens coroadas de ouro que se erguem nos andores e se veneram em retábulos constituem-se como testemunho, manifestação catequética e apelo para a caminhada que conduzirá pelas estreitas veredas como aquela que se representa na fenda do rochedo da Lapa o caminho para a mística Cidade de Deus.